

CAPÍTULO 6

O RAP glocal: A produção do conhecimento socialmente robusto no contexto das favelas do Rio de Janeiro⁸⁸

Astrid Maciel Motta

Resumo

A complexidade dos problemas sociais enfrentados pelos moradores das favelas do Rio de Janeiro nos permitiria abordar questões relacionadas à infraestrutura, saúde, educação, trabalho e, por fim, o narcotráfico e suas mais diversas consequências para seus moradores e para a sociedade. Entretanto, sem a pretensão de dar conta de toda a problemática social, buscaremos com este artigo uma reflexão teórica acerca dos efeitos da globalização e a exclusão social nas favelas cariocas. Para provocar uma reflexão sobre a exclusão social elegeremos a letra de *Soldado do Morro*, do *rapper* e escritor brasileiro Alex Pereira Barbosa; MV Bill, que descreve o apelo de um pai por uma oportunidade de emprego e finaliza com uma dúvida sobre o que é pior: “**virar bandido ou se matar por um salário mínimo**” (grifo meu). Adotaremos como aporte teórico Milton Santos (2009); sobre os impactos da globalização, e estudos recentes da antropóloga Janice Perlman (2010). E como proposição de intervenção para minimizar os efeitos da globalização, também retratados no RAP *Soldado do Morro*, finalizaremos discorrendo sobre a metodologia para a produção de conhecimento socialmente robusto, formulada por Ritto (2010), dialogando com as cinco lógicas da sociologia das ausências e a sociologia das emergências, formuladas por Boaventura de Sousa Santos (2006).

O impacto da globalização nas favelas do Rio de Janeiro

O movimento é a única forma musical a mexer em assuntos considerados polêmicos no Brasil; é a única a demonstrar a preocupação social e tem tirado vários jovens da invisibilidade sem a necessidade de um delito (MV Bill *et al.*, In Richard, 2005).

A complexidade dos problemas sociais enfrentados pelos moradores das favelas do Rio de Janeiro nos permitiria refletir sobre a exclusão social e questões relacionadas a infraestrutura, saúde, educação, trabalho e, por fim, o narcotráfico e suas mais diversas consequências para os moradores e moradoras e para a sociedade em geral. Entretanto, sem a pretensão de dar conta de toda a problemática social, elegemos a letra de *Soldado do Morro*, do *rapper* e escritor brasileiro Alex Pereira Barbosa, o MV Bill, para refletir sobre o efeito da globalização e da exclusão social no âmbito das favelas cariocas, dialogando com pensadores que versam sobre o tema, como Milton Santos (2009), Boaventura de Sousa Santos (1995; 2002; 2006), Ritto (2010) e Perlman (2010). O pensamento de Milton Santos versa sobre três formas de representação do mundo globalizado:

⁸⁸ Artigo síntese da dissertação de mestrado da autora (Motta, 2012).

O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização (Santos, 2009: 20).

Sinalizando de forma otimista, Santos traz a terceira proposta de globalização. Nesse outro modelo de globalização, o sociólogo fala sobre os avanços da tecnologia cujos resultados estivessem ao alcance de todos, possibilitando a melhoria da qualidade de vida de todos. Partes da letra de *Soldado do Morro*, do rapper e escritor brasileiro Alex Pereira Barbosa, o MV Bill, foram escolhidas com a finalidade de provocar uma reflexão sobre as manifestações de protestos expressos na letra do rapper, que descreve o desespero de um pai desempregado e o pedido por uma oportunidade de emprego, finaliza com uma dúvida sobre o que é pior para ele “virar bandido ou se matar por um salário mínimo”.

Minha condição é sinistra não posso dar rolé
Não posso ficar de bobeira na pista
Na vida que eu levo eu não posso brincar
Eu carrego uma nove e uma hk
Pra minha segurança e tranquilidade do morro
Se pa se pam eu sou mais um soldado morto
Vinte e quatro horas de tensão
Ligado na policia bolado com os alemão
Disposição 100% até o osso
Tem mais um pente lotado no meu bolso
Qualquer roupa agora eu posso comprar
Tem um monte de cachorra querendo me dar
De olho grande no dinheiro esquecem do perigo
A moda por aqui é ser mulher de bandido
Sem sucesso mantendo o olho aberto
Quebraram mais um otário querendo ser esperto
Essa porra me persegue até o fim
Nesse momento minha coroa tá orando por mim
É assim demorou já é
Roubaram minha alma mas não levaram minha fé
Não consigo me olhar no espelho
Sou combatente coração vermelho
Minha mina de fé ta em casa com o meu menor
Agora posso dar do bom e melhor
Várias vezes me senti menos homem
Desempregado meu moleque com fome
É muito fácil vir aqui me criticar
A sociedade me criou agora manda me matar
Me condenar e morrer na prisão
Virar notícia de televisão
Seria diferente se eu fosse mauricinho
Criado a Sustagem e leite Ninho
Colégio particular depois faculdade
Não, não é essa minha realidade
Sou caboquinho comum com sangue no olho
Com ódio na veia soldado do morro
Feio e esperto com uma cara de mau
A sociedade me criou mais um marginal
Eu tenho uma nove e uma hk
Com ódio na veia pronto para atirar
Feio e esperto com uma cara de mal
A sociedade me criou mais um marginal
Eu tenho uma nove e uma hk
Com ódio na veia pronto para atirar
Um pelo poder dois pela grana
Tem muito cara que entrou pela fama

Plantou na boca tendo outra opção
Não durou quase nada amanheceu no valão
Porque o papo não faz curva aqui o papo é reto
Ouvi isso de um bandido mais velho
Plantado aqui eu não tenho irmão
Só o cospe chumbo que tá na minha mão
Como pássaro que defende seu ninho
Arrebento o primeiro que cruzar meu caminho
Fora da lei chamado de elemento
Agora o crime que dá o meu sustento
Já pedi esmola Já me humilhei
Fui pisoteado só eu sei que eu passei
Eu tô ligado não vai justificar
Meu tempo é pequeno não sei o quanto vai durar
É pior do que pedir favor
Arruma um emprego tenho um filho pequeno, seu doutor
Fila grande eu e mais trezentos
Depois de muito tempo sem vaga no momento
A mesma história todo dia é foda
É isso tudo que gera revolta
Me deixou desnorteado mais um maluco armado
Tô ligado bolado quem é o culpado?
Que fabrica a guerra e nunca morre por ela
Distribui a droga que destrói a favela
Fazendo dinheiro com a nossa realidade
Me deixaram entre o crime e a necessidade
Feio e esperto com uma cara de mau
A sociedade me criou mais um marginal
Eu tenho uma nove e uma hk
Com ódio na veia pronto para atirar
Feio e esperto com uma cara de mau
A sociedade me criou mais um marginal
Eu tenho uma nove e uma hk
Com ódio na veia pronto para atirar
A violência da favela começou a descer pro asfalto
Homicídio sequestro assalto
Quem deveria dar a proteção
Invade a favela de fuzil na mão
Eu sei que o mundo que eu vivo é errado
Mas quando eu precisei ninguém tava do meu lado
Errado por errado quem nunca errou?
Aquele que pede voto também já matou
Me colocou no lado podre da sociedade
Com muita droga muita arma muita maldade
Vida do crime é suicídio lento
Bangu 1 2 3 meus amigos lá dentro
Eu tô ligado qual é... sei qual é o final
Um saldo negativo... menos um marginal
Pra sociedade contar um a menos na lista
E engordar a triste estatística
De jovens como eu que desconhecem o medo
Seduzidos pelo crime desde muito cedo
Mesmo sabendo que não há futuro
Eu não queria tá nesse bagulho
Já tô no prejuízo um tiro na barriga
Na próxima batida quem sabe levam minha vida
E vou deixar meu moleque sozinho
Com tendência a trilhar meu caminho
Se eu cair só minha mãe vai chorar
Na fila tem um monte querendo entrar no meu lugar
Não sei se é pior virar bandido
Ou se matar por um salário mínimo
Eu no crime ironia do destino
Minha mãe tá preocupada seu filho está perdido

Enquanto não chegar a hora da partida
A gente se cruza nas favelas da vida
Feio e esperto com uma cara de mau
A sociedade me criou mais um marginal
Eu tenho uma nove e uma hk
Com ódio na veia pronto para atirar
Feio e esperto com uma cara de mal
A sociedade me criou mas um marginal
Eu tenho uma nove e uma hk
Com ódio na veia pronto para atirar [...] (grifos meus) (MV Bill, *Soldado do Morro*, 2000).

Milton Santos aborda as questões expressas neste RAP ao denunciar a globalização como perversa; portanto, apresenta novas formas de pensar a globalização. Ao contrário da ideia de muitos, Santos não é contrário ao processo de globalização, mas faz considerações sobre como esse processo está sendo constituído. Entre as suas principais críticas podemos destacar o consumo como ideologia de vida, a massificação e padronização da cultura e a concentração de renda. Este autor refere que:

A globalização se mostra para grande parte da humanidade como uma fábrica de perversidade, ao promover baixa nos salários médios e desemprego crônico; crescimento da pobreza e perda da qualidade de vida nas classes médias; fome e desabrigo generalizado em todas as partes do mundo (Santos, 2009: 20).

A crítica formulada por Milton Santos encontra-se na letra deste RAP, que protesta contra a banalização do perigo que correm as mulheres que se envolvem com traficantes em busca de poder e dinheiro para a prática de uma ideologia de vida em torno do consumo, bem como a desigualdade social, a concentração de renda e, sobretudo, a marginalidade como meio de sobrevivência, fama e poder. Com efeito, podemos destacar a manifestação da presença do poder paralelo e a ausência do Estado, o desemprego a discriminação, entre outras formas de exclusão vivenciadas pelos moradores e moradoras das favelas cariocas, as quais podemos analisar à luz das reflexões teóricas e epistemológicas formuladas por Boaventura de Sousa Santos (2006).

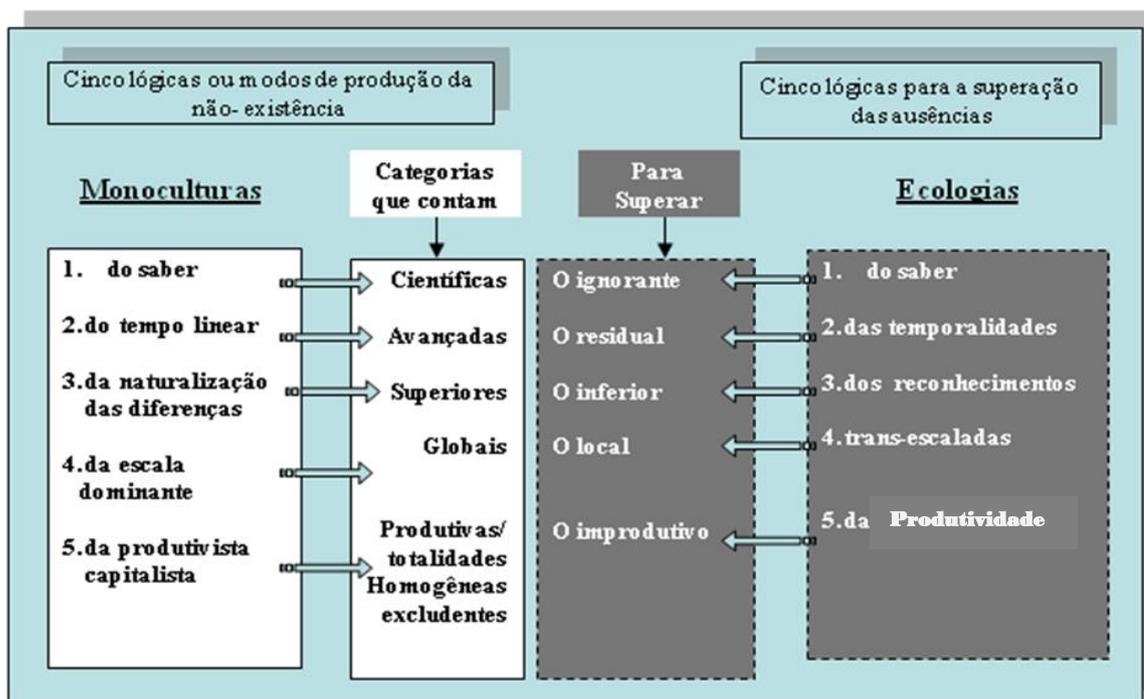
As cinco lógicas ou modos de produção da não existência x superação das ausências

As questões que os estudos de Santos (2006) abarcam, dialogam com os protestos expressos na letra de *Soldado do Morro* ao tratar das diferenças, da exclusão do local e do não local e dos fatores que interferem na inserção produtiva dos moradores das favelas por meio do mercado de trabalho formal, ao discorrer sobre as desvantagens desses sujeitos em relação aos pressupostos do mercado de trabalho formal no mundo globalizado.

A reflexão teórica e epistemológica de Boaventura parte de estudos de movimentos sociais contra a exclusão e a discriminação social em diferentes países; surge como proposta social e alternativa à globalização neoliberal e ao capitalismo global. O sociólogo critica o modelo de racionalidade existente e propõe outro modelo

de razão que ele denomina “razão cosmopolita”, fundamentada em três procedimentos sociológicos: a sociologia das ausências, a sociologia das emergências e o trabalho de tradução. Iniciaremos esta reflexão com o pensamento do sociólogo, que trata da sociologia das ausências e da sociologia das emergências e das cinco lógicas ou modos de produção da não existência, representadas no Quadro seguinte,

Figura 16 Cinco lógicas ou modos de produção da não existência x superação das ausências



Fonte: Santos (2006), adaptado pela autora.

As cinco lógicas formuladas por Boaventura de Sousa Santos possibilitam fazer um contraponto às possíveis formas de exclusão do mundo globalizado e levantar questionamentos acerca da exclusão das pessoas de baixa renda, moradores e moradoras das favelas do Rio de Janeiro, sobretudo no mercado de trabalho. A primeira refere-se à monocultura do saber e do rigor do saber científico, que surge como forma de exclusão ao considerar como verdade única a ciência, contrapondo-se ao outro extremo, a ignorância. A não existência do saber científico traduz-se na ignorância e na incultura; portanto, efetiva a exclusão dos que não possuem o conhecimento científico e a cultura dominante.

Frente às ideias de Santos (2002), elegemos Ritto (2010), que trabalhou o conceito da produção de conhecimento socialmente robusto para ampliar as reflexões acerca da importância do conhecimento acadêmico e a produção do conhecimento e da ciência para o desenvolvimento no local. Para Ritto (2010), o conhecimento não pode ser considerado um espaço autónomo demarcado e distante da sociedade, da cultura e da economia; ele destaca a importância dos valores compartilhados. A universidade, embora seja relevante para a produção do conhecimento científico e tecnológico, deve

também produzir tecnologia social comprometida com intervenções transformadoras que promovam inclusão econômica e social por meio da criação de trabalho e renda.

Com base nas concepções teóricas de Santos e Ritto e as manifestações expressas na letra de *Soldado do Morro*, podemos abordar os fatores que interferem na inserção de pessoas de baixa renda moradoras das favelas do Rio de Janeiro no mercado de trabalho. A escolha dos autores deve-se à atualidade de seu pensamento; de Santos, ao abarcar conceitos no contexto da globalização atual; de Ritto, pela clareza da metodologia formulada para a produção de conhecimento socialmente robusto no local.

As transformações do mundo globalizado e os avanços tecnológicos inviabilizam a inserção dos sujeitos que não possuem os conhecimentos técnicos e científicos exigidos pelo mercado de trabalho formal. Assim, com a ausência do saber científico e técnico, surgem os ignorantes e excluídos e não são “adequados” para as práticas laborais desejadas. Diante dessa constatação, fazemos os primeiros questionamentos: as políticas públicas educacionais que visam à promoção e ao acesso das pessoas de baixa renda à educação preveem aspectos inerentes às subjetividades do local para minimizar as desigualdades sociais presentes nas favelas cariocas?

Políticas públicas são resultado de um processo de tomada de decisão que tem o Estado, enquanto conjunto de instituições e leis, como ator central (...). Para que a política pública seja democrática, é indispensável que os diversos atores sociais, como movimentos sociais e as instituições de ensino e pesquisa, participem desse processo (Ritto, 2010: 14).

Com base na concepção de política pública descrita por Ritto, fazemos o segundo questionamento: a construção e a formulação das políticas públicas se apropriam dos conhecimentos acadêmicos e científicos que tratam das questões da educação e pobreza ou prevalecem apenas os aspectos da racionalidade técnica e científica e são ignorados os aspectos sociais e culturais? A segunda lógica introduz a monocultura do tempo linear, que pressupõe progresso, revolução, modernização, desenvolvimento, crescimento e globalização. Essa lógica, segundo Santos, produz não existência, declarando atrasado tudo aquilo que, conforme o tempo, é considerado moderno, atual e avançado.

A não existência assume a forma da residualização, que, por sua vez, tem ao longo dos últimos 200 anos, adaptado várias designações; a primeira delas foi o primitivo, seguindo-se outras como o tradicional, o pré-moderno, o simples, o obsoleto, o subdesenvolvido (Santos, 2002: 3).

O desenvolvimento tecnológico e as mudanças provocadas por esses avanços são a tônica do mundo globalizado. Para se tornar cada vez mais competitivas, as empresas estão submersas na lógica da monocultura linear, carecem de constantes avanços tecnológicos e modernizações para estarem inseridas no competitivo mercado globalizado. Por conseguinte, a lógica linear encontra-se presente na formação profissional das pessoas; e a obsolescência do conhecimento acompanha esse movimento. Os efeitos da lógica do tempo presente afetam a formação profissional e exigem a formação continuada. Com efeito, a inserção de pessoas de baixa renda das

comunidades no mercado de trabalho formal pode ficar em suspenso pela possível dificuldade de se manterem atualizadas, pois, ao concluir um curso que pressupõe sua inserção do mercado de trabalho, dentro do contexto da lógica do tempo linear, dificilmente elas conseguirão se manter atualizadas e acompanhar os avanços do mundo globalizado. A monocultura da naturalização das diferenças constitui-se na terceira lógica da classificação social, e a não existência surge sob a forma de inferioridade;

consiste na distribuição das populações por categorias que naturalizam hierarquias. A classificação racial e a classificação sexual são as mais salientes manifestações dessa lógica. Ao contrário do que acontece com a relação capital/trabalho, a classificação social assenta em atributos que negam a intencionalidade da hierarquia social. A relação de dominação é a consequência e não a causa dessa hierarquia, e pode mesmo ser considerada uma obrigação de quem é classificado como superior (Santos, 2002: 13).

A lógica da classificação social permite tratar principalmente das questões relacionadas aos tipos de exclusão e discriminação sofridos pelos moradores das favelas do Rio de Janeiro; entre eles destacamos as discriminações raciais, de gênero, de local de origem e suas influências sobre a inserção dessas pessoas no mercado de trabalho. Dados levantados por Perlman na década de 1960 apontam que 21% dos favelados são negros; 30% são mulatos, e 49% brancos. “O terço de negros representa praticamente todos os negros do Rio; ao contrário, os brancos favelados são apenas uma fração branca” (Perlman, 1977: 87). Entretanto, pesquisa iniciada em 2001 por Perlman com três gerações de moradores de favelas do Rio de Janeiro, traz dados acerca da discriminação na percepção dos moradores. O racismo é apontado ali; entretanto, eles consideram que essa não é a discriminação que eles mais sofrem. Na percepção dos entrevistados, a discriminação que aparece com maior percentual é quanto ao local da moradia, seguida de outros tipos de discriminação ou de exclusão, entre elas o uso de gíria local, a aparência ou ‘pinta’ e o local de origem. Perlman afirma:

O gráfico mostra como os entrevistados originais responderam em 2001. A base mais mencionada de discriminação não era o racismo, mas “favelismo”. A pele escura foi o segundo estigma mais citado (gíria local para a aparência de uma pessoa ou a forma como eles veem), que foi seguido por nascer fora do Rio (principalmente no Nordeste) e viver na Baixada Fluminense. Logo em seguida, ser do sexo feminino entra em cena e depois morar na Zona Norte e viver em um conjunto (Perlman, 2010: 153).

Os estudos de Perlman apontam também que as gerações seguintes sofreram os mesmos tipos de discriminação, e as gerações atuais sofrem com menor intensidade, mas ainda acreditam que morar em uma favela é a maior discriminação.

Os netos sofreram nas mesmas fontes de discriminação, mas não tanto. Essa diferença entre as gerações foi mais dramática para a raça – menos da metade dos netos sequer mencionou. Mas para eles, como para os mais velhos, viver em uma favela continua sendo a pior fonte de discriminação (com 78%) e a aparência (pinta) é a próxima (com 60%) – ambas barreiras maiores do que raciais, de gênero ou lugar de origem (...). Viver em uma favela e não parecer um jovem da Zona Sul são, obviamente, impedimentos que existem para que se arrume um emprego para geração mais jovem; são os que possuem melhor educação e têm a maior taxa de desemprego – quase 50% (Perlman, 2010: 154).

Os respondentes da primeira geração pesquisada acreditam que os netos sofreram menos discriminação por terem maior nível de escolaridade e por se terem adaptado ao estilo de vidas das pessoas que vivem na região da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Estudos de Perlman posteriores com outro grupo de pessoas da mesma favela, concluiu que a discriminação era ainda maior, se comparada com os dados da pesquisa realizada com a primeira geração de entrevistados em 2001, conforme afirma:

Descobri que a nova amostra aleatória (homens e mulheres de 16 a 65 anos de idade) nas mesmas comunidades percebeu uma discriminação ainda maior do que os entrevistados originais. A ordem das bases da discriminação percebida foi semelhante, mas, mais críticos, com 92% mencionando residente de favela e cor da pele e 88% mencionando aparência como bases para serem negativamente julgados. Eles sentiram que o preconceito contra os migrantes (quem não nasceu no Rio) foi pior, provavelmente porque a maior parte deles era de migrantes. Mas viver na Baixada era visto como menos do que um prejuízo, devido ao desenvolvimento econômico e ao transporte público melhorado (Perlman, 2010: 155).

A lógica da escala dominante é a quarta lógica, atribuída por Santos como a lógica que trata do universal e global. O universalismo é a escala das entidades ou da realidade que vigora independentemente de contextos específicos. E a não existência é produzida sob a forma do particular e do local, e não sobre efeitos da globalização hegemônica.

O universalismo é a escala das entidades ou realidades que vigoram independente de contextos específicos. Tem, por isso, precedência sobre todas as outras realidades que dependem de contextos e que por essa razão são consideradas particulares ou vernáculas. (...) Trata-se da escola que privilegia as entidades ou realidades que alargam o seu âmbito a todo o globo e que, ao fazê-lo, adquirem a prerrogativa de designar entidades ou realidades rivais como locais (Santos, 2002: 14).

Perlman acrescenta em seus estudos que no Brasil existem várias pesquisas sobre gênero e raça, mas faz um alerta sobre a carência de pesquisas que tratem das outras formas de exclusão, entre elas exclusão pelo local de residência, por aparência, por uso de gírias. Faz ainda considerações sobre a forma como essa questão é discutida pelas academias, formas de exclusão que são questões centrais deste artigo:

Enquanto muito é escrito sobre raça e gênero no Brasil, não existe trabalho que eu tenha visto comparando o racismo ou sexismo com as outras formas de exclusão baseadas em local de moradia; local da comunidade (central ou periférica) e local de origem (a linguagem carioca e palpites sobre a classe são o que criam a impressão, a 'pinta' da pessoa. Esses elementos geram sérias consequências e, querendo ou não, sugerem decisões se uma pessoa da favela é qualificada para o emprego (Perlman, 2010: 153).

Todavia, Márcio Pochmann (2004) propõe um novo tipo de exclusão que contribui para esta reflexão. Ela inclui pessoas com maior nível de escolaridade, mas que muitas vezes estão desempregadas, subempregadas ou mal pagas, levadas a

uma situação de inatividade forçada, que se associa à emergência da nova exclusão no Brasil⁸⁹. Isso se expressa, em grande medida, com relação à escolaridade, posto que, do total dos jovens que estudam, 43,2% estavam no ensino fundamental, 43,5% estavam cursando o ensino médio e apenas 13,3% estavam no ensino superior. Em contrapartida, quando se levam em consideração os níveis de renda diferenciados, podem ser identificadas enormes desigualdades nas oportunidades de educação e trabalho entre os jovens. Constata-se que, na ocupação, são os jovens pertencentes às famílias de maior renda aqueles com maior acesso aos trabalhos assalariados (77,1%), sendo que

⁸⁹ Amorim, R.; Pochmann, M. (Orgs.). *Atlas da exclusão social no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2003. v. 1.

49,0% dos jovens ricos que trabalham possuem contrato formal. Para os jovens pertencentes às famílias de baixa renda, somente 41,4% possuem empregos assalariados, sendo ainda bem menor o contingente de ocupados assalariados com contrato formal (25,7%). Sem acesso ao assalariamento e, sobretudo, ao contrato formal, há inequivocamente maior exclusão dos benefícios da legislação social e trabalhista para os jovens de baixa renda no Brasil. No caso das categorias ocupacionais, observa-se também forte desigualdade entre jovens ricos e pobres. A presença de jovens de maior renda no trabalho doméstico é residual (7,9%), sendo que apenas 7% percebem algum rendimento desse trabalho. No caso dos jovens de baixa renda, a participação no trabalho doméstico é de quase a metade (46,2%), com mais de 26,8% remunerados (Pochmann, 2004: 386).

Por fim, a quinta lógica – a monocultura dos critérios de produtividade capitalista – a lógica produtivista. O crescimento económico é inquestionável; trata do trabalho produtivo, geração de lucros. Nessa lógica, a produção da não existência dá-se com base na improdutividade da preguiça ou da desqualificação profissional.

O crescimento económico é um objetivo racional inquestionável e, como tal, é inquestionável o critério de produtividade que mais bem serve esse objetivo. Esse critério aplica-se tanto à natureza como ao trabalho humano. A natureza produtiva é a natureza maximamente fértil num dado ciclo de produção, enquanto o trabalho produtivo é o trabalho da geração de lucros igualmente num dado ciclo de produção (Santos, 2002: 14).

A lógica da produtividade capitalista possibilita refletir acerca de temas como a maximização de lucros, os altos encargos sociais do Brasil e analisá-los quanto ao ingresso das pessoas das favelas do Rio de Janeiro no mercado de trabalho formal. Os efeitos da atual globalização, seguidos dos avanços tecnológicos e económicos, trouxeram benefícios para os moradores das favelas; dentre eles podemos destacar o maior acesso a bens de consumo; entretanto, é possível ressaltar desvantagens, como a permanência da desigualdade social e da exclusão. Mesmo sendo uma força de trabalho produtiva, as pessoas das favelas concorrem em processos seletivos com pessoas de outro contexto social que, na sua maioria, atendem aos pressupostos do mercado de trabalho formal. Por conseguinte, a relação entre demanda e oferta de trabalho desencadeia uma série de desvantagens para as pessoas em geral, mas, sobretudo para as pessoas de baixa renda moradoras das favelas, conforme afirma Ritto (2010).

Na crise estrutural da acumulação capitalista, se antes a exclusão atingia a base da pirâmide social, alcança agora toda a força de trabalho, inclusive e com destaque para as pessoas qualificadas. O capital não consegue mais a reprodução do seu outro, o trabalho, o trabalhador. Na dialética entre capital e trabalho, essa situação ameaça também o capital. Instala-se uma contradição entre pessoas como supérfluos para a produção e necessários para o consumo (Ritto, 2010: 31).

Para concluir esta reflexão compartilhamos o pensamento de Wacquant, citado por Perlman (2010); em que ele discorre sobre força de trabalho desnecessária, desemprego e dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Wacquant classifica como “excesso da população absoluta” uma parcela significativa da força de trabalho como desnecessária, e muitos dos desempregados nunca irão trabalhar novamente. Além disso, há pobreza generalizada entre os que têm emprego por causa da baixa remuneração e da exploração dos trabalhadores temporários (...). Menos empregadores estão dispostos a oferecer benefícios e proteção aos trabalhadores, uma vez que existem trabalhadores e eles precisam de trabalho (Perlman, 2010: 159). O pensamento

de Wacquant citado em Perlman está contextualizado na letra de *Soldado do Morro* ao descrever as dificuldades e a exclusão social vivenciadas pelos moradores das favelas cariocas, que Milton Santos descreve como efeito da globalização perversa.

A produção de conhecimento socialmente robusto como meio de transformação social no contexto das favelas do Rio de Janeiro

O conceito de conhecimento socialmente robusto, conforme traz Ritto (2010), caracteriza-se pelo fortalecimento do conhecimento existente em determinado contexto, que, por meio de intervenções sociais, promove a robustez necessária para a produção de trabalho e renda no local. O conceito surge no contexto da tecnologia social levando em consideração o conhecimento existente em comunidades e na oportunidade de intervenção política e social e respeitando subjetividades próprias das histórias de vida e da realidade das pessoas.

Este artigo apropria-se desse conceito para sustentar a hipótese de que o conhecimento técnico adquirido na formação do sujeito para o trabalho – independente do nível de escolaridade e modalidade de ensino concluído – em grande parte não é suficiente para a promoção da inserção dos moradores de favelas cariocas no mercado de trabalho local e propõe alternativas para a inclusão no mercado de trabalho. Ritto traz a metodologia para a produção do conhecimento socialmente robusto, cujo objetivo propõe ações comprometidas com a inclusão social para a redução de desigualdades, crescimento com geração de trabalho e renda ambientalmente sustentável, capacitação tecnológica para o trabalho e expansão da cidadania, fortalecimento da democracia no local. Para esse autor:

o papel da universidade é relevante, principalmente da universidade pública, para a proposta de metodologias que, ao lado do desenvolvimento tradicional que produz conhecimentos e as tecnologias que convencionalmente conhecemos, desenvolva tecnologia social através da criação de trabalho e renda (Ritto, 2010: 3).

A proposta da Metodologia para a Produção de Conhecimento Socialmente Robusto (MPCSR) de superação das ausências produzidas pela globalização inicia-se com o engajamento com as comunidades, como afirma Ritto (2010):

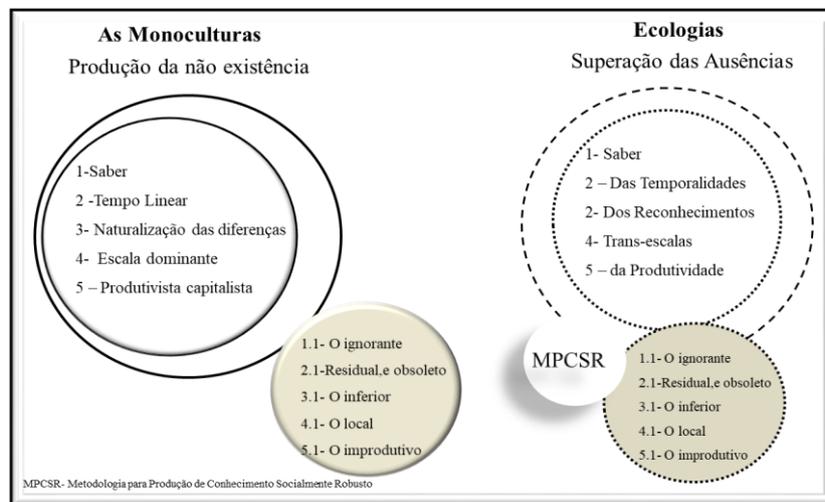
o engajamento com as comunidades enseja a emergência de um novo contrato social entre a sociedade e a ciência, particularmente a ciência universitária, que tem sido estruturada preliminarmente em termos da forma de produção de conhecimento – ciência básica, educação, tecnologia e treinamento (Ritto, 2010: 23).

O conhecimento é produzido pela universidade e disseminado para a sociedade de forma que possa contribuir para a sociedade em geral; especialmente no âmbito das favelas do Rio de Janeiro, o conhecimento científico produzido contribui sobremaneira para implantação de políticas públicas e para as intervenções sociais. Diante de tais argumentações, como propõe Ritto (2010), o engajamento da ciência com a sociedade é fundamental, notadamente para a participação no mundo real e para a produção do conhecimento socialmente robusto. Para o autor da MPCSR,

Pela contextualização, demandas sociais penetram no processo de pesquisa, influenciando a formulação de problemas, a implantação e a avaliação de resultados. É mandatória a comunicação de mão dupla entre a sociedade para a produção de conhecimento socialmente robusto, e isso demanda uma nova perspectiva de engajamento. (...) A contextualização é forte quando a demanda social é colocada diretamente pelos integrantes da comunidade que também participam da identificação e da formulação dos problemas (Ritto, 2010: 24).

Com base nesse processo de contextualização, Ritto (2010) ressalta a importância dos especialistas envolvidos no processo de intervenção se conectarem aos agentes sociais locais para melhorar a definição dos problemas e para transformar os problemas em atividades de pesquisa e, por conseguinte, transformar redes informais em redes formais. A MPCSR propõe o confronto entre a produção da não existência e a produção da existência, conforme mostra o Quadro a seguir,

Figura 17 As monoculturas X as ecologias e a produção do conhecimento



Fonte: Criado pela autora.

A metodologia para a produção de conhecimento socialmente robusto formulada por Ritto (2010) surge como proposta que minimiza os efeitos das cinco lógicas da sociologia das ausências para superá-las como únicas verdades, sobretudo com a redução do processo de exclusão no mercado de trabalho, na educação e, por fim, social. A superação da exclusão do saber científico proposta pelo investigador é uma das formas de confrontar e minimizar a concepção de totalidade que Santos (2009) classifica como ecologia dos saberes, que questiona a lógica da monocultura do saber e do rigor das ciências pela identificação de outros saberes.

A ideia central da sociologia das ausências neste domínio é que não há ignorância em geral nem saber em geral. Toda ignorância é ignorante de um certo saber e todo saber é a superação de uma ignorância particular (Santos, 1995: 25).

Concluindo este pensamento, a MPCSR propõe o aproveitamento dos saberes e potencialidades locais como solução ou condicionantes para a formulação de ações para

intervenções com vistas à geração de trabalho e renda no local. Nesse aspecto, a metodologia para a produção de conhecimento socialmente robusto, propõe ações articuladas por meio de projetos que vinculam o poder público e o privado e que utilizem as potencialidades do local, bem como a cultura, as vocações locais identificadas ou não para o desenvolvimento de trabalho e renda, sobretudo reconhecendo e valorizando as diferenças, permitindo um deslocamento do que é considerado inferior para o nível equivalente ao nível superior, no paradigma da monocultura da naturalização das diferenças, além do deslocamento e da superação das cinco ausências propostas por Santos, e redução dos problemas sociais, proporcionando aos jovens invisíveis a visibilidade mediante o protagonismo social. Daí a importância da valorização do saber: para diminuir as várias formas de exclusão e aumentar a possibilidade de tornar a sociedade brasileira menos desigual.

Conclusão

Acabamos por concluir que as manifestações e questionamentos expressos na letra de *Soldado do Morro* - do rapper MV Bill, sobretudo em relação à exclusão social pelo trabalho, nos alertam sobre a necessidade de redefinição de modelos e novos caminhos propositivos com vistas ao protagonismo e inclusão social (Guerra, 2019). As formulações teóricas de Boaventura de Sousa Santos (2006), em torno da globalização e das ecologias para a superação das ausências, apontam alternativas para a redefinição de novos olhares, e novos caminhos são apontados na proposição metodológica de Ritto (2010) que versa sobre a produção de conhecimento socialmente robusto, a partir de intervenções que partem de estudos científicos para descoberta de saberes e potencialidades do local.

Diante do debate epistemológico de Boaventura de Sousa Santos (2006) e da proposição metodológica de Ritto (2010), podemos sugerir que a formulação de políticas públicas ou medidas sociais objetivadas à inclusão social, devem propor a criação de caminhos emancipatórios com vista ao protagonismo social, a partir das ecologias da superação das ausências, e não devem apropriar-se apenas dos aspectos da racionalidade técnica e científica, mas sobretudo valorizar e considerar os aspectos sociais e culturais do local.

Por fim, sugerimos também o rompimento de modelos de políticas e medidas sociais consubstanciais no paradigma das monoculturas da produção das não existências, como por exemplo a naturalização das diferenças; destaque para as políticas e programas destinados à inclusão social por meio da inserção produtiva que, em geral, não levam em consideração as desvantagens e as desigualdades sociais vivenciadas pelos moradores em favelas cariocas, conforme apontam estudos de Motta (2012), bem como a exclusão social denunciada no RAP, *Soldado do Morro*, do Mensageiro da Verdade-MV, Bill.

Referências Bibliográficas

- Guerra, P. (2019). The song is still a 'weapon': The Portuguese identity in times of crisis. *YOUNG – Nordic Journal of Youth Research*, DOI: 10.1177/1103308819829603, pp. 1-18.
- Motta, A. M. (2012). A produção do conhecimento socialmente robusto no contexto da educação e do trabalho: inserção de moradores em comunidades do Rio de Janeiro no mercado de trabalho formal. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MV Bill (2000). Soldado do Morro. Traficando Informação [CD]. Rio de Janeiro: Natasha Records.
- Perlman, J. E. (2010). Favela – four decades of living on the edge in Rio de Janeiro. New York: Oxford University Press.
- Perlman, J. E. (1977). O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Pochmann, M. (2004). Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa? *Educação & Sociedade*, 25(87), pp. 383-399.
- Richard, B. (2005). Hip Hop: consciência e atitude. São Paulo: Livro Pronto.
- Ritto, A. C. (2010). Metodologia para produção de conhecimento socialmente robusto. Rio de Janeiro: Ciência Moderna.
- Santos, B. S. (2006). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In Barreira, César (Ed.). *Sociologia e conhecimento além das fronteiras* (pp. 97-103). Porto Alegre: Tomo Editorial.
- Santos, B. S. (2002). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, pp. 237-280. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/1285>.
- Santos, B. S. (1995). *Toward a new common sense: law, science and politics in the paradigmatic transition*. New York: Routledge.
- Santos, M. (2009). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.